

As Louças em Barro de Guilherme Tiburtius, expressões materiais dos saberes e fazeres da alimentação de Comunidades Tradicionais e Históricas que viveram no entorno de Curitiba, Paraná ¹

Rosane Patricia Fernandes, UNIVILLE, Brasil
Dione da Rocha Bandeira, UNIVILLE, Brasil
Claudia Inês Parellada, UFPR, Brasil
Mariluci Neis Carelli, UNIVILLE, Brasil

Resumo

Os artefatos em cerâmica, desde os tempos arqueológicos, trazem memórias sociais, reverberando informações das relações sociais, territórios e tradições, além de mudanças e interações culturais. Assim, este trabalho traz referências à gênese histórica-geográfica das cerâmicas como aporte para discutir as louças de barro, do Primeiro Planalto Paranaense, reunidas pelo pesquisador e arqueólogo amador Guilherme Tiburtius, entre 1941 e 1942, no entorno de Curitiba. O imigrante alemão Tiburtius coletou aproximadamente 15 mil objetos de valor arqueológico, etnográfico e histórico, enquanto viveu no Paraná e Santa Catarina. O estudo integra a pesquisa/tese interdisciplinar vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville, com revisões bibliográficas e documentais, e análises estilísticas, morfológicas e das técnicas do conjunto Araucária, coletado por Tiburtius, sob guarda do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. O objetivo é selecionar elementos que estabelecem conexões entre esse acervo, as cerâmicas locais, seus usos na alimentação e preparação de comidas tradicionais. Os artefatos cerâmicos são polissêmicos, com múltiplos significados e usos, que, ao longo do tempo, podem perder funções primárias, adquirindo novos valores simbólicos. Na coleção Tiburtius estão mais de 300 peças, como vasos, com e sem alças, potes de diversos tamanhos, tigelas, torradores, panelas, pratos, jarros, cuscuzeiros e objetos zoomorfos. As proveniências destes vasilhames sugerem que sejam produções domésticas em contextos locais/regionais, elaboradas por comunidades históricas, com influxos europeus, indígenas e africanos, posteriores ao século XVI, conforme discussões prévias de diferentes pesquisadores. Apresentam elementos híbridos quando analisadas as técnicas de fabricação, os atributos morfológicos, os tratamentos de superfície, bem como aplicações de múltiplos elementos. Como resultado das discussões, entendemos que as memórias e identidades estão materializadas nos objetos. Ademais, nos encontramos em um período que se almeja recuperar os sentidos sociais, as memórias e o patrimônio cultural das populações negligenciadas historicamente, buscando informações sobre suas práticas, seus alimentos, seus ritos e tradições e território. Assim, almeja-se falar dos objetos musealizados e da potência desses acervos para a pesquisa científica, bem como, discutir e, quem sabe, compreender melhor os hábitos alimentares atuais, por meio da cozinha e dos utensílios domésticos daquelas comunidades tradicionais que teceram suas louças em barro.

Palavras Chaves: Louça de Barro, Saberes Culturais, Paraná.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

1 Introdução

Como resultado de uma pesquisa maior, o conteúdo deste artigo está associado ao projeto “Louças de barro, patrimônio cultural feito à mão: um estudo de cultura material e hábitos alimentares de comunidades tradicionais a partir de coleção de cerâmicas etnográficas musealizadas”. Utensílio feito de barro vem testemunhando as histórias dos povos ao longo dos tempos desde o período neolítico, visto que há mais de 28 mil anos com a elaboração de uma estatueta para fins cerimoniais: a Vênus de Dolni Vestonice, na República Tcheca (VANDIVER *et al.*, 1989), assim como, os vasilhames cerâmicos mais antigos, com mais de 20.000 anos, foram identificados na China, na caverna Xianrendong (WU *et al.*, 2012). Louças em Barro² são artefatos polissêmicos, podendo apresentar múltiplos significados, usos e funções de acordo com o contexto em que são encontrados. Ademais, estes objetos em barro são resultados das dinâmicas sociais e da interação do homem com o meio que ele habita. Podem ser considerados, portanto, um registro cultural materializado, que testemunha a história da população que a produziu, demonstrando o comportamento do homem no território e a relação com o meio que o cerca “tal como um documento histórico traz marcas de seus autores” (SANTOS E SILVA, 2012, p. 08).

Com o objetivo de selecionar elementos que estabelecem conexões entre esse acervo e as cerâmicas locais e seus usos na alimentação e preparação de comidas tradicionais, este escrito traz um recorte sobre os povos ceramistas do Primeiro Planalto Paranaense. Para isso, contextualiza os trabalhos feitos em barro, caracterizados como cerâmicas neocoloniais, de produção local ou neobrasileiras, e busca associar as louças em barro aos hábitos alimentares tradicionais de grupos históricos.

As cerâmicas neobrasileiras, para o PRONAPA³, são Tradição Arqueológica de cerâmicas regionais, produzidas basicamente para utilização doméstica, com marcadores e elementos próprios desenvolvidos após o contato com os colonizadores europeus no século XVI. Desse modo, interdisciplinarmente, as cerâmicas foram abordadas como elementos de memórias e identidades dos povos e seus territórios, a fim de destacar a relevância da preservação destes patrimônios culturais por meio da musealização de coleções. O foco deste estudo está na coleção de louças em barro de Guilherme Tiburtius, doravante GT, que foi reunida na região do alto rio Iguaçu no entorno do município de

² O termo Louça em Barro neste trabalho é sinônimo a vasilhames feitos em cerâmica.

³ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

Curitiba- PR, há mais de oitenta anos. Nos anos cinquenta, essa Coleção foi alvo de muitas reportagens locais e já chamava atenção de pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, que iam até Curitiba-PR visitar o acervo particular de Tiburtius, organizado em um anexo a sua residência, na Rua Visconde do Rio Branco.

O percurso metodológico deste trabalho se deu pela pesquisa bibliográfica e documental, tendo se baseado em artigos, livros e relatórios de salvamento arqueológicos realizados pelo CEPA⁴ e PRONAPA, em Curitiba, bem como por documentos do acervo pessoal de GT, que fazem parte do acervo do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). Os documentos utilizados foram os cadernos de pesquisas, as correspondências e o acervo fotográfico do colecionador GT.

2. Louças de barro, breves considerações sobre origens e desenvolvimento

O barro foi, entre todos os elementos naturais, o material mais abundante que o homem dispôs e manipulou desde o início dos tempos. O mais manejável, a substância mais plástica com a qual teve contato e em decorrência a mais dócil, além da mais acessível “[...] passou logo a ser o principal veículo de seus impulsos e intérprete de seus pensamentos. Marcou, desde logo, os primeiros lampejos da mente e da civilização” (BRANCANTE, 1981, p. 1).

Desse modo, no período passado, o termo *Cerâmico* era conhecido como um assentamento em forma de comércio e artesanaria que se estabeleceu nos adensamentos urbanos neolíticos em que os apetrechos de cerâmica e, secundariamente, de cestaria, representam a tecnologia avançada. Sobre esses radicais, forma-se em francês o substantivo *céramique*, documentado em 1806, para designar a técnica, arte, tecnologia de objetos de barro ou argila, cujo derivado, *céramiste*, ‘ceramista’, é de 1836. O termo em espanhol, “Cerámica” e o termo em português “Cerâmica”, foram formados da mesma matriz, mas sob inspiração do modelo francês, são da segunda metade do séc. XIX, sendo posteriores ou seus derivados associados ao radical *luteus* (APARO, 2010).

O desenvolvimento das cerâmicas abrange influências recíprocas de diferentes sociedades. Apesar de o uso da cerâmica ser muito antigo e de peças de argila cozida/queimada serem encontradas em diversos sítios arqueológicos em todo o mundo, sua história não é linear e, sim, complexa, conforme mostram os estudos de Cooper

⁴ Centro de Estudo e Pesquisa Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná- UFPR-CEPA.

(1999). Os Neandertais, há aproximadamente 70.000 anos, já tinham contato com o fogo, mas não existem registros, até o momento, de objetos cerâmicos antes do surgimento do *Homo sapiens*, há 35.000 anos. Para Brancante (1981, p.1) “a cerâmica pode ter existido de modo ocasional e esparsa em períodos e povos anteriores, como no Paleolítico superior”.

Há um consenso entre os teóricos de que a produção de objetos em barro foi o primeiro processo manufaturado do período antigo, com matéria-prima de fácil manuseio, quando umedecida e de imensa resistência após queimada (COOPER, 1999). A história do desenvolvimento da cerâmica acompanha a própria história dos povos. Artefatos cerâmicos, assim como os de natureza lítica, apresentam longa durabilidade sendo utilizados como marcadores cronológicos para se conhecer o desenvolvimento das sociedades e compreender as diferentes culturas ao redor do mundo (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1998).

Alguns grupos humanos diminuíram a sua mobilidade espacial, devido à domesticação de plantas e animais, permitindo aumento da população e maior estabilidade, o que ampliou e tornou importante a elaboração de recipientes cerâmicos. (COOPER, 1999). O feitio regular de peças em barro, para muitos pesquisadores, nasce da necessidade de transportar e armazenar alimentos e líquidos para sua subsistência. No entanto, o homem, antes de manipular e tecer o barro para moldar seus recipientes, serviu-se de outros materiais naturais como fibras vegetais, cascas de coco, ovos e de árvores, e até de crânios de animais como vasilhame para atender às suas necessidades mais imediatas (CHAVARRIA, 2004).

Para muitas comunidades ao redor do mundo, as técnicas de lidar com o barro e sua atribuição de sentidos "estão associadas a representações mágicas e religiosas [...] toda uma 'filosofia' primitiva subjaz à confecção desses importantes utensílios” (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 35). Mas, foi o advento da observação da capacidade transformadora do fogo que permitiu a experimentação da queima dos objetos, sendo este o processo fundamental para se atingir a consistência e dureza dos artefatos modelados.

Utilizada na fabricação de algumas peças de barro, a roda de oleiro, ou torno manual, consiste em uma roda compacta colocada horizontalmente sobre um eixo vertical, sobre a qual era pousada a massa a ser modelada, roda essa que era impulsionada com uma das mãos enquanto a outra procedia à modelagem.

Essa invenção rudimentar constitui um grande avanço sobre os processos morosos e imperfeitos das peças de barro feitas à mão. Além disso, o uso deste instrumento

conferiu ao oleiro/torneiro, ou ao louceiro/ceramista, a capacidade de confeccionar simetricamente muitas variedades de “formas e de proceder a múltiplas combinações circulares, ovais, esféricas e cilíndricas. Dava-lhe um controle mais efetivo e regular sobre o barro, a par de maior perfeição e velocidade no fabrico” (BRANCANTE, 1981, p. 5). Assim, o processo de feitiço dos artefatos de barro avançou ao longo da história dos povos, com o aprimoramento do uso de fornos.

Ainda na Europa, durante a Idade do Bronze, a cerâmica distinguiu-se pelo desenvolvimento de asas, graças à melhor qualidade das matérias usadas e ao aperfeiçoamento da amolgadura e queima. A decoração consistia em incisões em forma de canais ou estrias, simetricamente ordenadas, horizontal e verticalmente. No fim desse período, encontram-se vasilhas de cocção e conservas, pratos, tampas, taças e grande quantidade de rodela de fuso e contas de colar.

Os ritos e o desenvolvimento de determinadas sociedades que viveram no passado só são compreendidos pela interpretação antropológica e descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais produzidos e deixados ao tempo. Os objetos cerâmicos têm prendido a atenção humana ao longo da história por apresentar uma linguagem técnico-produtiva própria que distingue cada comunidade desde os primórdios, assim sendo, um “veículo de expressão, materializador do patrimônio” cultural de diferentes povos (APARO, 2010, p. 20).

3. Os ceramistas e as cerâmicas neobrasileiras do planalto curitibano

Anteriormente à ocupação europeia, distintos povos caçadores, coletores, ceramistas e horticultores ocuparam diferentes mosaicos ambientais que atualmente configuram espaços geográficos que abrangem a América do Sul, e o Brasil. Esta ocupação é atestada por inúmeros sítios arqueológicos encontrados ao longo de todo o território nacional. No espaço territorial que é o estado do Paraná, de acordo com Chmyz (1986), os primeiros habitantes foram pequenos grupos itinerantes que viviam da caça, pesca e coleta de frutos e sementes. Entre 11.000 (AP)⁵, neste território, houve assentamentos de povos caçadores e coletores não cerâmicos classificados nas Tradições Arqueológicas Bituruna, Humaitá, Umbu e Sambaqui (CHMYZ 1976, PROUS 2004, MOTA 2012, PARELLADA, 2020). Já os ceramistas relacionados diretamente à região da área deste estudo, segundo os dados etno-históricos, são os grupos referentes às

⁵ O termo AP, refere-se a 2.000 anos AP (antes do presente, ou seja, antes de 1950).

famílias linguísticas Tupi-Guarani e Jê (MARTINS, 1935, SGANZERLA et al. 1996, MOTA 2012).

No século XVI, milhares de índios, pertencentes ao Tronco Linguístico Macro-jê, povos Xokleng Laklaño e Guarani vinculados ao Tronco Tupi, entre eles os Xetá ao norte do estado, ocupavam aquele território, ambas Tradições manejavam recursos naturais e confeccionavam cestarias e recipientes em barro com morfologia e decorações características próprias, assim, como parte deles eram agricultores (SGANZERLA et al. 1996, CHMYZ, 1986, PARELLADA, 2020). Povos Jê arqueológicos, chegaram há cerca de 4 mil anos nos planaltos paranaenses, migrando provavelmente de áreas do centro-oeste do atual território brasileiro. Ocuparam tantas áreas de vales de grandes rios que formam a bacia hidrográfica do Paraná como os topos de montanhas, as cavernas e o litoral atlântico, tendo contato com os povos sambaquianos (NOELLI, 2004; CHMYZ, 2009; MOTA, 2012; PARELLADA, 2016).

A cerâmica associada ao grupo Jê, encontrada no litoral e no Primeiro Planalto Paranaense, segundo Chmyz (1971), antigamente foi dividida em três tradições: a Taquara, Casa de Pedra e Itararé. Taquara com a superfície externa dos vasilhames ornamentados de impressões e marcas feitas com a borda da unha, ponteiros, impressão de traçado ou tecido. Já as tradições, vinculam-se à Tradição cerâmica Casa de Pedra, aos Kaingang que habitaram a região centro-sul do Paraná entre os séculos XVIII e XX. (NOELLI, 2004, BEBER 2004-2005, CHMYZ ET AL. 2008, PARELLADA, 2008, BANDEIRA, 2008, VOLCOV, 2011).

Os recipientes cerâmicos encontrados entre a Serra do Mar e no Primeiro Planalto Paranaense elaborados por populações Xokleng Laklaño, em tempos coloniais denominados de Botocudos, eram de tamanho reduzido e de coloração preta. Como característica, essa cerâmica Xokleng apresenta “acabamento superficial semelhante à da cerâmica Itararé, [...] menor variação nas bordas, paredes mais espessas, maior volume dos recipientes e nas formas das vasilhas, especialmente as cônicas” (CHMYZ, 2008, p. 250-252). Já a cerâmica de Tradição Itararé, que se caracteriza pelo “pequeno volume das vasilhas e espessura fina de suas paredes, com eventual engobo negro ou vermelho e, em alguns casos com marcação de tecido ou malha, carimbos e incisões, na face externa” apresenta forma de pratos, tigelas, jarros e panelas de boca ampliada, com bases arredondadas, planas ou côncavas (PARELLADA, 2008, p. 220; CHMYZ, 2009, p.18).

Os povos Tupi e Guarani, cujos ancestrais estão correlacionados à Tradição Arqueológica Tupiguarani ou, mais recentemente Tradições Tupinambá e Guarani, de

acordo com Noelli (2004), originários do estado de Rondônia, migraram para sul, movendo-se pelo estado do Mato Grosso do Sul e oeste paulista, servindo-se dos Rios Paraná e Paraguai. Fixaram-se a partir dos vales dos Rios Tietê, Ivaí, Tibagi e Iguaçu, descendo até o rio Uruguai e a Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul. Assim, como exploraram territórios ao longo dos Rios Uruguai, Miranda, Tigre e Paraná no sentido norte-sul (CHMYZ *et al*, 2009). Os Guarani tinham domínio sobre a agricultura e domesticação vegetal e ocupavam, há mais de dois milênios, as regiões mais elevadas e aptas ao plantio das florestas úmidas do Sul da América do Sul (PARELLADA *et al*, 2006; 2018; CHMYZ, 2009).

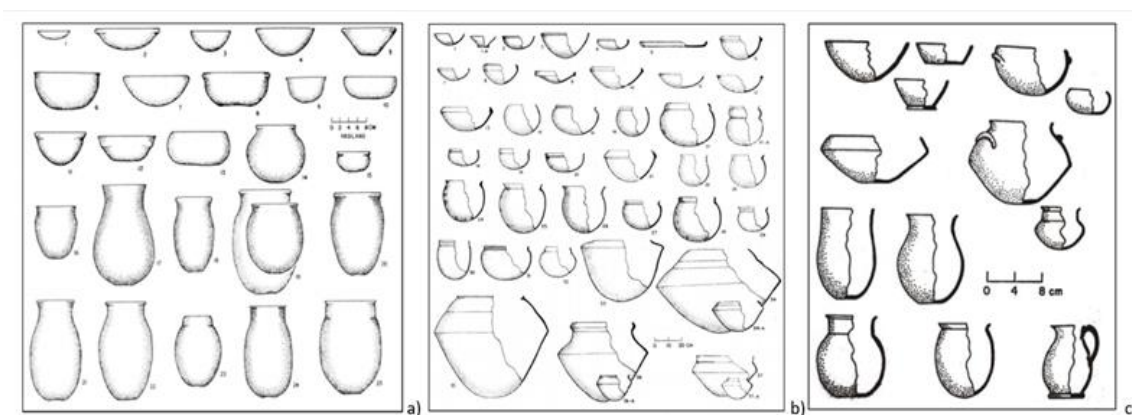
Habilidosos ceramistas, confeccionavam vasilhames “através da superposição de cordéis de pasta e queimados em fogueiras, com a colocação das peças diretamente sobre o braseiro” (CHMYZ *et al*, 2009, p.13). As peças variam de tamanho e forma, sendo grandes e fundas, até peças pequenas e rasas de “[...] formatos ovais, elípticos, esféricos, em semi-esfera, piriformes e carenados, correspondiam a pratos, terrinas, jarros, panelas” de modo a armazenar líquidos, farinhas e demais alimentos, bem como para sepultar alguns mortos. Outros elementos marcadores do acervo arqueológico Guarani são as decorações dos recipientes cerâmicos (PARELLADA, 2008). No entanto, Chmyz, (1977, p.5) aponta que “intrusivamente”, em fases da tradição Tupi-Guarani, “ocorre cerâmica da tradição Itararé” revelando “contatos interétnicos”, evidenciados pela presença de “traços característicos da tradição Itararé nas formas e na decoração” dos vasilhames Tupiguarani.

Por meio das pesquisas arqueológicas desenvolvidas, é possível afirmar que estes grupos étnicos ceramistas, entre outros, estavam no território paranaense quando houve as primeiras incursões europeias no planalto curitibano, no segundo quartel do século XVI. Os conquistadores europeus, que disputaram territórios e provocaram muitos conflitos, e algumas alianças, seguiram no sentido a oeste da linha de Tordesilhas em território pretendido pelos espanhóis, embora entre 1580 e 1640 vigorasse a chamada União Ibérica para a conquista da Terra Brasilis ⁶(CHMYZ, 2003, p. 61, PARELLADA 2022).

⁶ Terra Brasilis. O mapa com o título “Terra Brasilis”, segundo os Portugaliae Monumenta Cartográfica, é de autoria do cartógrafo português Lopo Homem, auxiliado por Pedro e Jorge Reinel e foi feito no ano de 1519. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/>.

Em sítios arqueológicos documentados no perímetro urbano de Curitiba envolvendo ocupações históricas no início dos anos 1960, foram evidenciados achados cerâmicos de “herança cultural Tupiguarani com influência portuguesa”. A figura 1 mostra formas reconstituídas das cerâmicas oriundas das tradições Itararé, Tupi-Guarani e das cerâmicas Neobrasileira produzidas após o contato com os grupos europeus. (CHMYZ, 2003, p.66). Estes achados de cerâmica, provenientes de estudos arqueológicos na região do entorno de Curitiba, evidenciam um processo de miscigenação e aculturação entre europeus e índios que também aconteceu nas terras do Primeiro Planalto curitibano. Essa interação entre indígenas e colonizadores já era relatada desde 1501, na região das terras paulistas (SALLUM e NOELLI, 2019, 2020).

Figura 01: Formas reconstituídas das cerâmicas das tradições Itararé (a) Tupi-Guarani (b) Histórica ou Neobrasileira (c).



Fonte: Adaptado de Chmyz (2009).

Os contatos entre os indígenas locais e os europeus, assim como as trocas de utensílios entre eles, ocorridas naquele período, se intensificaram com o avanço da colonização. Estudos arqueológicos realizados por Volcov (2011) nos acervos cerâmicos paranaenses vinculados às tradições Taquara-Itararé e Tupi-Guarani demonstram que a expansão do colonialismo forçou uma adaptação entre esses dois grupos na região. Segundo o autor, “antes da chegada dos europeus, os grupos Jê e Tupi-Guarani mantinham fronteiras territoriais e culturais definidas e estáveis” (2011, p. 153). Relatos sobre contatos entre indígenas e colonizadores e a influência na produção de cerâmicas locais, também estão presentes na região sudoeste de São Paulo e nordeste do Paraná, conforme Noelli e Sallum (2019, p. 708).

Os estudos sobre objetos cerâmicos atravessaram os séculos e este ainda é um “tema aberto”, que movimenta o meio acadêmico e científico, visto que, “constituem tema

de investigação sobre aspectos tecnológicos, econômicos e sociais da materialidade brasileira. A maioria dessas cerâmicas e seus contextos de produção e uso permanecem pouco ou nada pesquisados” (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 701). Com o intuito de contribuir para o estatuto de pesquisas acerca dos objetos cerâmicos, a seção seguinte trata mais especificamente sobre a coleção de Guilherme Tiburtius.

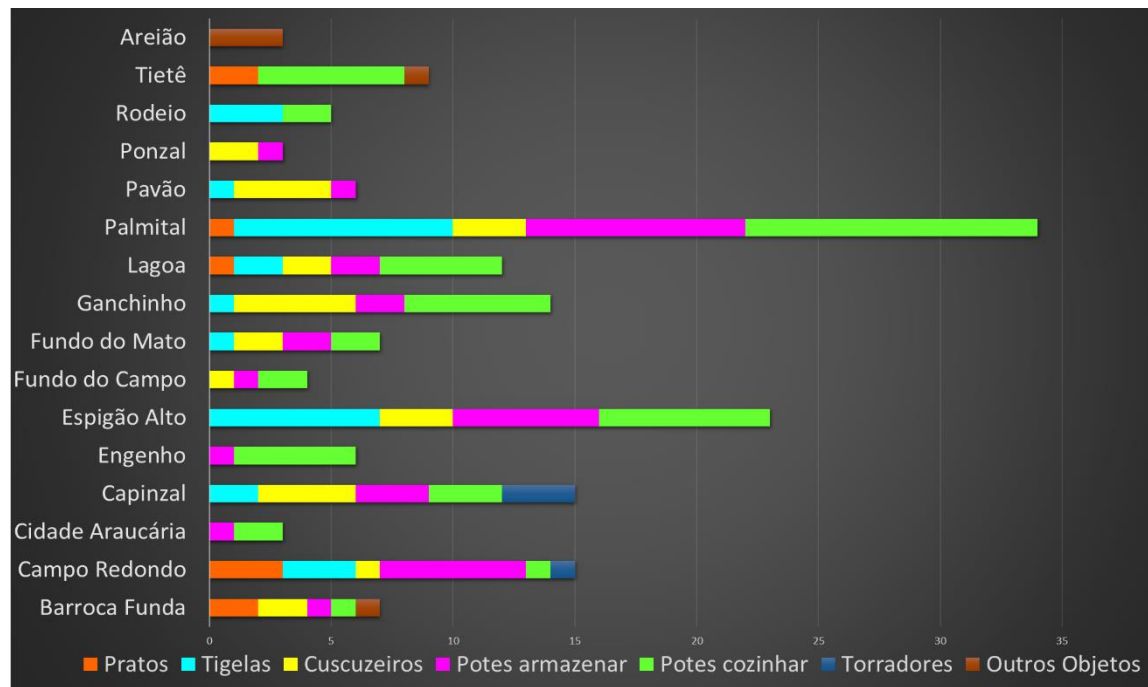
4. Hábitos alimentares tradicionais, reflexões sobre o uso das louças em barro do Paraná da coleção de Guilherme Tiburtius

Guilherme Augusto Emílio Tiburtius foi colecionador, pesquisador e arqueólogo amador que nasceu em Berlim na Alemanha em 1892 e faleceu aos 93 anos em Curitiba, Paraná no ano de 1985. Ao longo de muitos anos de escavações e coleta pessoal juntou cerca de 15 mil artefatos de valor arqueológico, etnográfico e histórico, enquanto viveu no estado do Paraná e Santa Catarina. Na década de 1940, a figura de GT destacou-se no colecionismo, pela angariação e compra de peças para seu acervo próprio (JOINVILLE, 1968; SILVA, 2017), que impressiona pela quantidade e variedade do repertório dos vasilhames. Essa Coleção soma mais de trezentas peças, entre elas vasos com e sem asas de diferentes tamanhos, tigelas, torradores, panelas, pratos, potes com e sem asas, cuscuzeiros e outros objetos como cabeças de cachimbos, pesos de rede e zoomorfos.

Nos anos 1960, a Comissão Diretora do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville (SC), bem como Adolfo Bernardo Schneider, historiador local, conhecedores do trabalho e da afamada coleção de GT, empenharam-se para que o município adquirisse a coleção. Em 1963, a coleção foi adquirida pela Prefeitura de Joinville por meio da Lei Municipal n.º 620, no valor de 5 milhões de cruzeiros, que corresponde a 5 mil reais nos dias atuais. Essa coleção possui cerca de 15 mil objetos, líticos, cerâmicos, ósseos, zoomorfos, entre outros, além de esqueletos humanos. A compra desse acervo resultou, em 1972, na abertura do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ) (FERNANDES, BANDEIRA, 2020). A Coleção de louças em barro soma mais de 300 peças em bom estado de conservação, que foram coletadas em sua maioria nos municípios de Araucária, Contenda, Bocaiúva do Sul, Campo Largo, Lapa, Curitiba e São José dos Pinhais. GT também comprou a coleção de peças etnográficas do Prefeito Municipal de Reserva na região dos Campos Gerais do estado do Paraná, assim como, trouxe artefatos cerâmicos da região do litoral paranaense para sua coleção. Neste estudo, as reflexões são sobre as louças em barro reunidas pelo colecionador no município de Araucária-Paraná. A figura 2 apresenta as localidades onde as louças em

barro foram coletadas no município de Araucária, assim como mostra a morfologia e a quantidade de louças por local.

Figura 02: Localidade de coleta e a morfologia das louças em barro da Coleção de Araucária –PR.



Fonte: Fernandes (2022).

Figura 03: Louças em Barro da Coleção Etnográfica de Guilherme Tiburtius (1941-1942).



Fonte: MASJ (2021).

Supõem-se que essas louças em barro, da Coleção Etnográfica de GT, sejam fruto de produções domésticas, de uso cotidiano, feitas por comunidades locais da região do entorno de Curitiba, com aspectos das cerâmicas antigamente denominadas neobrasileiras, de acordo, com as características apresentadas por Dias Jr. (1983) e Chmyz (2003; 2009; 2013) em seus atributos, morfológicos, de tratamento de superfície e de aplicações, de “ [...] reforços externos [...] como alças, próximos à borda [...] e asas horizontais, constituídas por rolete de argila aplicado na face externa, podendo ter decoração digitada, ou até ungulada digitungulada, serrungulada etc. A aplicação de “asas múltiplas” (DIAS, 1983, p.9).

Da mesma forma, as características se assemelham com a Fase identificada pelo PRONAPA como Lavrinha que ocorre no vale do rio Iguaçu, no estado do Paraná, do contexto dos séculos XVIII e XIX, e que corresponde com a região de coleta dos vasilhames da Coleção Etnográfica de Louças em barro de GT, conforme as figuras 3 e 4.

Figura 04: Exemplos das louças em barro da coleção de GT.



Da direita para a esquerda um panela, um cuscuzeiro e um pote com engobo vermelho
Fonte: MASJ (2021).

Na figura 4, mais especificamente, a panela mostra a aplicação de asas horizontais no vasilhame e a proximidade destas a borda da peça, no cuscuzeiro ao centro aplique com digitação na constrição central da peça e a aplicação de cordão com decoração digitada e de asas. E, em parte da superfície externa do cuscuzeiro, especialmente no bojo, aparecem marcas clânicas (incisões em pequenas linhas inclinadas paralelas) associadas a povos africanos, como as descritas por Symanski (2012) em áreas históricas de plantação de cana de açúcar. O terceiro pote à direita, o engobo vermelho por toda a superfície externa é um atributo espanhol colonial, posterior ao século XVI.

Chmyz (2003), ao publicar relatórios⁷ de estudos arqueológicos realizados no entorno de Curitiba, já faz menção à Coleção de GT, devido ao fato de as cerâmicas encontradas durante o estudo trazerem “traços cerâmicos produzidos localmente”, demonstrando que “foram relacionados à tradição Neobrasileira”. Os sítios arqueológicos que contêm esses materiais cerâmicos, foram registrados no IPHAN no Sistema de Gestão Arqueológico (SGA) como: PR CT 85: Rio dos Patos-1, PR CT 86: Rio dos Patos-2, PR CT 87: Rio dos Patos-3, PR CT 88: Ganchinho, PR CT 89: Rio das Onças-1, PR CT 91: Rio das Onças-3, PR CT 92: Rio das Onças-4 e PR CT 95: Rio Maurício-1, entre outros daquela região (CHMYZ, 2003, IPHAN, 2022).

Neste mesmo relatório, do ano de 2003, Chmyz, ao fazer menção a coleção de GT, diz que ele “[...] teve a oportunidade de constatar, entre a população mestiça dos municípios [...], a produção de recipientes cerâmicos com tecnologia tradicional indígena associada às européias (sic) e africanas”. (CHMYZ, 2003, p. 5-6). Tiburtius, no artigo da revista alemã *Anthropos* intitulado “*Äleter Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien*”, publicado no ano de 1968, descreve a população dessas comunidades do entorno de Curitiba que faziam uso das louças de barro como,

uma raça humana [...] que os primeiros chamavam erradamente de caboclos. Tratava-se de uma população pobre, mas prestativa de composição robusta, os homens apresentavam pouca barba, cabelo da cabeça brilhantemente preta até elevada idade; as mulheres, no entanto, envelhecem mais cedo. Possivelmente trata-se de um grupo restante de índios [...]. (TIBURTIUS, 1968, p. 3).

Como sabemos, a formação da cultura brasileira e, sem pormenores, de todos os estados, se deu por entrelaçamento da cultura indígena e fortemente mestiçada do “entrechoque e caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos [...] que se enfrentam e se fundem para dar lugar a um novo povo, uma nova gente” (RIBEIRO, 1970, p. 19). Embora os espanhóis tenham sido os primeiros a colonizar as terras paranaenses, os lusitanos e seus descendentes formam a maioria da população do estado. Tiburtius (1968), ainda descreveu as moradias desse povo como cabanas primitivas elaboradas por eles mesmos, de chão batido e tábuas. A parte interior era empretecida pela fumaça, e em geral se encontram fogões sem chaminés e sem chapas, confeccionados de pedra de calcário

⁷ É o caso da arqueologia da área do aterro sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná, publicado na Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA).

colados com barro, e os potes de barro maiores, sobre a chapa estavam assentados em base de argila. O telhado era construído com telhas ocas feitas à mão e bem queimadas.

Ribeiro (1970, p.119) explica que a população básica que ia se formando dos “novos” núcleos coloniais foram chamados entre outras denominações de neobrasileiros e exibia “uma aparência muito mais indígena que negra ou europeia pelo modo como moravam, comiam, por sua visão de mundo e pelo idioma que falavam”, um povo totalmente mestiço em aspectos raciais e culturais. Assim, a influência indígena foi marcante naquele período, no que diz respeito a subsistência, alicerçada no cultivo e no preparo da “mandioca, do milho, das abóboras e das batatas e de muitas outras plantas, bem como às técnicas de caça e pesca” (RIBEIRO, 1970, p. 121-123) e de fabricação de utensílios em rocha, madeira e barro.

Essa situação perdurou até meados do século XVII, quando começou um processo de sucessão embalada pela contribuição europeia no avanço colonial que introduziu instrumentos feitos de ferro, por exemplo, declinando o uso de instrumentos e utensílios de ossos, rochas, palhas e cipós como o tipiti entre outros que substituíram os torradores de farinha, as panelas e demais apetrechos feitos em barro e fibras vegetais. Os núcleos neobrasileiros foram, portanto, plasmando-se sobretudo de brasilíndios e afrobrasileiros em uma configuração histórico cultural nova, que envolveu componentes em um mundo não apenas diferente, mas oposto ao do índio, ao do português e ao do negro.

Machado (1981), em seu escrito sobre o estudo da História Regional do Paraná, com base no trabalho história social da sociedade provincial, para chegar a um conceito de comunidade paranaense, entende que esse termo diz respeito “a uma acepção, como uma coletividade de agentes históricos, vivendo em uma área territorial definida” (MACHADO, 1981, p.105). Essa acepção compreendia que o regional não era necessário um tipo étnico definitivo, mas encontrava-se emaranhado em elementos culturais e tradicionais. A comunidade tradicional do Paraná, de 1853-1889, na pós- independência do estado, estava dentro dos agentes históricos que desenvolviam suas atividades cotidianas inseridas em um complexo institucional que lhes provia uma atividade básica de subsistência.

Essa comunidade explicaria a formação da sociedade paranaense e a sua alteração com as novas migrações e imigrações. Deste modo, para os historiadores Brasil Machado e Martins, o conceito de comunidade na história regional do estado foi pensado na sua relação com o meio físico e com o território visualizados como espaço político,

econômico e jurídico. A fusão desses grupos e a convivência centenária com outros povos oriundos dos fluxos migratórios foi um fato que “possibilitou a interpolação de costumes, tradições e inovações que permitiram a transformação dos recursos da fauna e da flora locais em iniciativas de boa mesa” (GIMENES, 2008, p.72). Nesta junção histórica, foi forjada a culinária paranaense ligada a diferentes costumes, alimentos e utensílios tradicionais e patrimônios imateriais de diferentes grupos sociais.

A reprodução e permanência de modos e práticas alimentares atendem a regras costumeiras transmitidas e perpetuadas pelas memórias dos grupos sociais, ou hábitos, que pode ser entendido como um modo de fazer as coisas que permite aos agentes sociais gerar práticas variáveis de coisas similares com valores culturais e referências identitárias próprias, como um “sistema de disposição construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências” subjetivamente socializada. (SETTON, 2002, p. 64).

Isso justificaria a continuidade do fabrico e uso das louças em barro entre os grupos históricos daquele período, sustentado por escolhas próprias de aprimorar a técnica de produzir, a forma e a decoração do vasilhame, bem como o modo do uso. Dentro desta perspectiva, considerando a proposta da pesquisa em andamento, pode se dizer que a permanência do uso destas louças em barro se deu pela influência direta das relações sociais estabelecidas no início da colonização no contexto histórico de formação destes grupos sociais. Alguns dos utensílios domésticos feitos em barro como panelas, tigelas, jarros, vasos e cuscuzeiras fizeram parte da prática culinária de muitos grupos contemporâneos, assim como são usados e consumidos como utensílios gastronômicos por diferentes pessoas e estabelecimentos comerciais relacionados a alimentação.

As louças de GT trazem em sua morfologia e estilo influxos dos grupos originários que habitaram aquelas terras anteriormente à colonização cujos aspectos destas colocações foram observadas na figura 3. Quanto ao uso, a figura 5 mostra dois homens, tomando mate e usando louças de barro no fogo de chão, em família, segurando louças em barro. Isso nos faz supor que parte daquelas louças da coleção estavam em uso doméstico, quando Guilherme Tiburtius fazia a aquisição das peças. Ademais, no estudo das marcas de uso que está em andamento, estão sendo encontrados nos recipientes vestígios carbonizados, que posteriormente passarão por análises arqueométricas, para a identificação do tipo de alimento preparado neles.

Figura 5 – Famílias caboclas e suas moradias, no distrito de Fundo do Mato (à esquerda) e Barroca Funda (à direita), no município de Araucária (PR), com peças cerâmicas.



Fonte: Tiburtius (1968, p. 56)

A Coleção de louças em barro Guilherme Tiburtius do conjunto Araucária, conforme a figura 2, é composta 97% por objetos que são incorporados às tarefas cotidianas e aos hábitos alimentares daquelas comunidades, visto que 32% são pote/panelas, 16,57% são cuscuzeiros e 2,2% torradores de grande porte usados diretamente na preparação de alimentos. Seguidos de 28,28% de potes/vasos usados na armazenagem e conservação de grãos, sementes e água, bem como, 14,85% dos vasilhames são tigelas e 4,57% de pratos usados para servir e consumir alimentos já preparados. Essas louças em barro são indissociáveis dos usos e costumes alimentares de grupos familiares históricos.

Desse modo, preparar os alimentos em louças de barro é uma prática herdada dos povos originários, que reverbera a memória social desses grupos, que se constitui em uma cultura alimentar que ainda presenciamos em comunidades contemporâneas mais ao Norte do que ao Sul do Brasil, evidenciando nossas origens miscigenadas. Essas louças testemunham que as relações sociais não aconteciam apenas entre humanos, como também entre humanos e coisas que permitem conhecer as relações e organizações sociais de grupos humanos do passado, uma vez que esses objeto/artefatos são marcados pelos saberes, fazeres e hábitos de criação, usos e abandono. Coisas estas que, ao passar do tempo, ganham novos usos e significados ao se tornar agentes sociais, quando compõem acervos e coleções musealizadas que permitem novos olhares sobre essa materialidade,

que tanto tem a dizer sobre os hábitos e costumes de grupos sociais negligenciadas historicamente.

5. Considerações finais acerca deste estudo

Para efeito de conclusão é interessante considerar que os hábitos alimentares paranaenses são marcados pelos processos históricos de ocupação de diferentes áreas do Estado e preserva as origens das práticas alimentares indígenas, portuguesas e africanas, mesclando-se com as cozinhas dos migrantes e imigrantes que povoaram o estado. Do mesmo modo, o manejo e uso de objetos e recipientes de barro “nasce como suporte de uma cultura do alimento: desde potes para guardar as sementes aos recipientes de verter água para a rega, depois mantendo o estoque da colheita, para cozê-los e servi-los” (FRADE, 2018, p. 118).

A permanência de certos hábitos, práticas e preparos alimentares contemporâneos, corrobora para uma uma sequência e permanência de ciclos temporais que contribui para a formação das cozinhas regionais e da memória alimentar brasileira. Portanto, os hábitos alimentares das cozinhas locais e regionais partem da fundamentação de que o alimento é uma categoria histórica constituída por patrimônios materiais e imateriais.

As informações reunidas neste escrito permitem supor que a região do Primeiro Planalto Paranaense já era ocupada por, no mínimo, dois grupos indígenas distintos, os Jê e os Guarani. Detentores do saber ceramista, estes grupos desenvolveram peças próprias híbridas, por meio de apropriação cultural provocada pelo contato com o colonizador. Quanto às cerâmicas da Coleção de Guilherme Tiburtius coletadas no contexto do alto Rio Iguaçu, é possível dizer com base nos estudos e salvamentos arqueológicos desenvolvidos na região, que elas estão associadas à Tradição Neobrasileira, vinculadas à Fase “Lavrinha” provenientes de produção local por grupos miscigenados entre indígenas, africanos e europeus.

Alguns objetos, com o passar do tempo, transformam sua característica original e ou utilitária e são tratados de modo diferenciado, adquirindo valor simbólico, histórico e, ou cultural ocasionando a sua preservação. Assim é o caso dessa coleção, objeto deste estudo, que foi parte de uma coleção particular e hoje é acervo de um museu, constituindo-se elementos representativos de identidades culturais e coletivas que ainda necessitam de maiores estudos.

É válido reiterar que poucos são os trabalhos científicos que tratam da Coleção Etnográfica de Louças em Barro de GT, apesar da sua importância para a construção de

um conhecimento sólido, capaz de atingir as gerações futuras, por meio da materialidade sobre os saberes e fazeres das comunidades tradicionais que viveram no estado do Paraná. Os objetos cerâmicos etnográficos têm um enorme potencial de pesquisa, sobretudo quando considerada a multiplicidade de contatos entre diversos grupos no passado e que podem auxiliar na compreensão da inumerável teia de relações que foram estabelecidas entres eles para satisfazerem suas necessidades mais imediatas e organizarem suas vidas socialmente.

Referências

APARO, Ermanno. **A cultura cerâmica no design da joalheria portuguesa**. 2010, 386 f. Tese. (Doutorado em Design) Universidade de Aveiro. Departamento de Artes, Aveiro, 2010.

BEBER Marcus Vinícius. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: o caso da Tradição Taquara-Itararé**. 2004, 289 f. Tese. (Doutorado em História). Universidade do Vale do Sinos-UNISINOS. São Leopoldo- RS 2004.

BRANCANTE, E. F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia Lithographica Ypiranga, 1981.

CHAVARRIA, Joaquim. **A cerâmica**. Lisboa: Editorial Estampa, 2004

CHMYZ, Igor. Pesquisas Arqueológicas no Médio e Baixo Rio Iguaçu, Paraná. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-1969. Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Publicações Avulsas n. 15, p.87-114, 1971.

_____. Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica. Segunda edição revista e ampliada. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, ano 1, n. 1. 1976, p.119-148.

_____. A Pré-História Paranaense. História do Paraná. **Ideias em Debate, Curitiba**, v.5, p.7-26, 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301201715_A_PREHISTORIA_PARANAENSE/link/570bf10508ae8883a1ffdf7/download. Acesso em 12 de maio de 2021.

_____. Pesquisas de arqueologia histórica em Curitiba. **Círculo de Estudos**, Curitiba, v. 20, n.17, p. 59-80, 2003.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. A arqueologia da área da LT 750 kV Ivaiporã-Itaberá III, Paraná - São Paulo. **Arqueologia - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**. Curitiba, V. 5, p. 1-305, 2008.

CHMYZ, I.; SGANZERLA, Eliane M.; VOLCOV, Jonas E.; BORA, Eloi; CECCON, Roseli S. Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos, em São Mateus do Sul - Paraná. **Arqueologia. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas/UFPR**, Curitiba, V. 6, 2009. p. 1-147.

- COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica**. Barcelona: Ediciones CEAC.1999.
- DIAS JR., O. A cerâmica neo-brasileira, Arqueo-IAB. *In: Textos Avulsos do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém.v.1, 1983. p. 3-13.
- FRADE. Isabela. Painéis mágicas: a arte cerâmica como encantamento. *In: Gastronomia, cultura e memória* [recurso eletrônico]: Cerâmicas, potes e vasilhames / Renato da Silva Monteiro ... [et al]; organizado por Myriam Melchior. – Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2018. P (114-124).
- FERNANDES, R. P.; BANDEIRA, D. R. A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR). **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 1, p. 104-116, 2020.
- GIMENES, Maria Enriqueta Garcia. Cozinhando a tradição: festa, cultura e história no litoral paranaense, Curitiba. Tese. 332 f. Doutorado em História – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.2008.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php 2022. Acesso em 14 de fev. 2022.
- LÉVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Editora Guaíra Ltda. 3 a. Edição. 37. S/D.
- _____. **Bandeiras e Bandeirantes em Terras do Paraná**. 1532-1839. Curitiba: Guaira. 1935.
- _____. **Litígio territorial entre Paraná e Santa Catarina: títulos em que se assenta a. contenda**. Rio de Janeiro, Gomes, 1911.
- MACHADO, Brasil Pinheiro. O estudo da história regional (uma nota prévia).*In: Questões e Debates*. Curitiba: APNA. ano 2. n. 3. dez. 1981. p.103-108.
- MOTA, Lúcio T. **História do Paraná**: relações sócio-culturais da pré-história a economia cafeeira / Lúcio Tadeu Mota. -- Maringá: Eduem, 2012.
- NOELLI, Francisco S. O mapa arqueológico dos povos Jê no sul do Brasil. *In: K. Tommasino, L.T. Mota & F.S. Noelli (eds.), Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Editora da UEL, p. 17-55, 2004.
- NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 3, p. 701-742, 2019.
- NOELLI, F. S.; SALLUM, M. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da Cerâmica Paulista. **Revista. Museu Arqueologia. Etnografia**, n. 34, p. 132-153. 2020.
- PARELLADA, Cláudia I. CREMONEZE, C.; BATTISTELLI, E.; SARAIVA, M.P. Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes. Curitiba: **Provopar** Ação Social, 64p., 2006. www.artenossa.pr.gov.br.
- _____. Tecnologia e Estética da Cerâmica Itararé-Taquara: Dados Etnohistóricos e o Acervo do Museu Paranaense. **Revista Arqueologia**. 2008, v. 21, p. 97-111. *In:*

<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ra/article/view/2845/2450>. Acesso em janeiro 2016. Acesso em: 12 jun. 2021.

_____. Paisagens transformadas: a arqueologia de povos Jê no Paraná, sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.27, p.158-167, 2016.

_____. Arqueologia em Prudentópolis: memórias e patrimônio no Paraná. In: RAMOS, O.F. & OLINTO, B.A. 2020. **Prudentópolis: cultura, história e sociedade**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, p.69-100.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ). **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. Tradução de Maria Thereza Böbel. Joinville: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a civilização** – A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.1970.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika. M. Teoria e métodos na análise cerâmica em Arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 287-294, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1998.109555>. Acesso em: 12 jun. 2021.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Rev. Bras. Educ. v.20. p. 60–154, 2002. disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mSxXfdBBqghYyw4mmn5m8pw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 junho de 2022.

SGANZERLA, Eliane M.; CHMYZ, Igor; VOLCOV, Jonas E.; MIGUEL, Rucirene; CAVALHEIRO, Antônio C. M. Arqueologia do Contorno Leste de Curitiba. **Arqueologia**, Curitiba, v.7, p.1-79, 1996. Disponível em <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/52>. Acesso em 8 de junho de 2020.

SANTOS, Aline G. dos. SILVA, Jacionira Coelho. História escrita na cerâmica arqueológica. **VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar** Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI. 2012, p. 1-10.

SILVA, P. G. F. da. **A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”**. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

SYMANSKI, L.C. The place of strategy and the spaces of tactics: structures, artifacts, and power relations on sugar plantations of West Brazil. **Historical Archaeology**, v.46, n.3, 2012

VANDIVER, P. B.; SOFFER, O.; KLIMA, B.; SVOBODA, J. (1989). "The Origins of Ceramic Technology at Dolní Vestonice, Czechoslovakia". *Science*. 246 (4933): 1002–1008.

VOLCOV Elias. Jonas. **Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no alto Rio Iguaçu**, Pr. 2011, 168 f . Dissertação. Pós-Graduação em Antropologia Social, Área de Concentração em Arqueologia. Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/27058>. Acesso em: 12 jun. 2021.

TIBURTIUS, G. Ältere Hauskeramiikaus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien. **Anthropos. Sonderabdruck, International Review of ethnology and linguistics**, Band 63, 1968. Internationalezeitschrift für Völker- und Sprachkunde. Fribourg, 1968. (Texto traduzido).

WU, X.H., ZHANG, C., GOLDBERG, P. *et al.* Early Pottery at 20,000 Years Ago in Xianrendong Cave, China. **Science** 336(6089), 1696–1700. 2012.